



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

Registro: 2025.0000368679

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Agravo Interno Cível nº 1001640-60.2022.8.26.0063/50002, da Comarca de Barra Bonita, sendo Agravante(s) Telefônica Brasil S.a e Agravado(s) Município de Barra Bonita

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da Câmara Especial de Presidentes do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: **Negaram provimento ao recurso. V. U.**, de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores FERNANDO TORRES GARCIA (PRESIDENTE TRIBUNAL DE JUSTIÇA) (Presidente), HERALDO DE OLIVEIRA (PRES. SEÇÃO DE DIREITO PRIVADO), CAMARGO ARANHA FILHO (PRES. SEÇÃO DE DIREITO CRIMINAL) E BERETTA DA SILVEIRA (VICE PRESIDENTE).

São Paulo, 14 de abril de 2025.

TORRES DE CARVALHO
Presidente da Seção de Direito Público
Relator.



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

CÂMARA ESPECIAL DE PRESIDENTES

VOTO AR-4532-CP

AGRAVO INTERNO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO N.º

1001640-60.2022.8.26.0063/50002 - SÃO PAULO

AGRAVANTE: TELEFÔNICA BRASIL S.A

AGRAVADO: MUNICÍPIO DE BARRA BONITA

AGRAVO INTERNO - Decisão monocrática que negou seguimento ao recurso extraordinário.

- A questão referente à possibilidade de os municípios instituírem taxa de fiscalização e de licença, pelo exercício do poder de polícia, para a instalação de torres e antenas de transmissão e recepção de dados e voz, atividades inerentes ao setor de telecomunicações, cuja competência legislativa e para a exploração é exclusiva da União é idêntica à examinada pela Suprema Corte no leading case RE nº 776.594/SP – Tema 919/STF.

- Inviabilidade de reexame de prova e de direito local em Recurso Extraordinário, nos termos das Súmulas 279 e 280 do STF. Nega-se provimento ao recurso.

Trata-se de agravo interno interposto com fundamento no artigo 1.030, §2º, do Código de Processo Civil (fls. 1/19 -50002) contra parcela da decisão de fls. 596/601, que negou seguimento (CPC, art. 1.030, I, “b”) a recurso extraordinário por reconhecida identidade da matéria com orientação firmada pela Suprema Corte nos autos do RE nº 776.594/SP, e o inadmitiu quanto às demais questões.

Alegou a agravante, em síntese, ser equivocado o afastamento dos Temas 919/STF e 1235/STF, contrariando entendimento firmado pelo Supremo Tribunal Federal que reconheceu a incompetência dos municípios para legislar sobre funcionamento de torres e antenas de transmissão e recepção de dados e voz. Aduziu que a legislação editada pela municipalidade não tratou da ocupação de solo urbano, mas de regras atinentes a telecomunicações, adentrando, portanto, em matéria



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

privativa da União. Apontou que a modulação dos efeitos do paradigma alcançaria tão somente a lei municipal de Estrela D'Oeste/SP. Arguiu ainda a inaplicabilidade da Súmula 280/STF, tendo em vista que o juízo de admissibilidade do recurso extraordinário não demanda análise de direito local.

É o relatório.

O recurso não merece provimento.

Com efeito, com o permissivo do artigo 1.030, inciso I, alínea “b”, do Código de Processo Civil, parcela da decisão agravada considerou que a decisão da Turma Julgadora converge com o decidido no RE nº 776.594/SP (Tema 919), do Col. Supremo Tribunal Federal, quando se fixou a seguinte tese: *A instituição de taxa de fiscalização do funcionamento de torres e antenas de transmissão e recepção de dados e voz é de competência privativa da União, nos termos do art. 22, IV, da Constituição Federal, não competindo aos Municípios instituir referida taxa.*

Não se avista desacerto na decisão ora agravada quanto ao RE nº 776.594/SP, sob a técnica de casos seriais, haja vista a questão alusiva à possibilidade de os municípios instituírem taxa de fiscalização e de licença, pelo exercício do poder de polícia, para a instalação de torres e antenas de transmissão e recepção de dados e voz, atividades inerentes ao setor de telecomunicações, cuja competência legislativa e para a exploração é exclusiva da União.

A propósito, veja-se trecho do v. Acórdão da Col. Turma Julgadora que demonstra a subsunção da matéria em análise ao tema indicado pelo E. STF, *verbis*:

Saliente-se que cabe ao Município fiscalizar a instalação das mencionadas antenas de transmissão pelo controle do uso e da ocupação do solo urbano, e não a atividade

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

exercida pela embargante, esta sim, competência da União, nos termos da Lei Federal 9.472/97.

Nesse diapasão, o Município de Barra Bonita, em respeito ao princípio da legalidade previsto no artigo 150, inciso I, da Constituição Federal, instituiu a taxa decorrente do efetivo exercício do poder de polícia administrativa de fiscalização pertinente ao zoneamento urbano e em observância às normas municipais de posturas, conforme previsão dos artigos 63 a 65 da Lei Complementar nº 63/2003 (fls.276), *in verbis*:

“Artigo 63 - A Taxa de Verificação de Funcionamento regular de estabelecimento de produção, comércio, indústria, prestação de serviços e outros tem como fato gerador a fiscalização, o controle permanente, efetivo ou potencial das atividades já licenciadas e decorrentes do exercício do poder de polícia do Município.

Artigo 64 Para efeito da incidência da Taxa, consideram-se estabelecimentos distintos:

I - os que, embora no mesmo local, ainda que idêntico ramo de negócio, pertençam a diferentes pessoas físicas ou jurídicas, individualmente;

II - os que, embora com idêntico ramo de negócios e sob a mesma responsabilidade, estejam situados em prédios distintos ou locais diversos.

Artigo 65 - A taxa é devida anualmente e calculada mediante a aplicação dos valores constantes da Tabela III do Anexo II, com base nos dados do Cadastro Municipal”.

Observa-se que a referida norma não adentra assuntos de telecomunicações, trata de interesse local, promoção ao adequado ordenamento territorial, uso e ocupação do solo urbano, matéria de alçada dos municípios que tem como objeto a fiscalização da regularidade da instalação das antenas de transmissão.

De se concluir que, para que sejam instaladas em qualquer território municipal e que lá permaneçam, as Estações Rádio Base (ERB's) devam respeitar a legislação local que disponha sobre a maneira de ocupação do solo urbano.

(...)

Saliento que a matéria aqui tratada não se confunde com a



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

analisada pelo STF no Tema nº 1235 que se refere especificamente à Lei nº 13.756/2004 do Município de São Paulo, cuja inconstitucionalidade foi reconhecida na tese ali firmada por configurar invasão à competência privativa da União para legislar sobre telecomunicações e radiodifusão ao tratar de critérios da instalação, construção e funcionamento das torres em si, tais como imposição de limites e controle dos campos magnéticos e eletromagnéticos (artigo 22, IV, da Constituição Federal).

No mesmo sentido foi a tese fixada pelo Supremo Tribunal Federal no Tema nº 919 julgado em sessão virtual de 25/11 a 2/12/2022: (fls. 521/523).

Conforme se observa, a Turma Julgadora considerou a legislação que embasa a cobrança, avaliando não se tratar de exação sobre atividades de fiscalização de antenas de telecomunicações, cuja competência para fiscalização é da União, hipótese tratada no julgamento do Tema 919, reconhecendo, assim, a legalidade da sua cobrança.

Por oportuno, transcreve-se trecho do voto do Ministro DIAS TOFFOLI, relator do Tema 919/STF (RE n. 776.594/SP), que soluciona bem a questão:

Feito esse esclarecimento, adianto que, a meu ver, respeitadas as competências da União, como aquelas para legislar sobre telecomunicações, fiscalizar os serviços de telecomunicações e editar normas gerais de direito urbanístico, podem os municípios instituir taxa de fiscalização de torres e antenas de transmissão e recepção de dados e voz.

Numa visão clássica, o princípio que norteia a divisão de competência nas federações é o da predominância do interesse, cabendo ao ente central as questões de interesse nacional e aos municípios as de interesse local (SILVA, José Afonso. Curso de direito constitucional positivo. 26. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2006. p. 478).

(...)

DAS COMPETÊNCIAS DOS MUNICÍPIOS

Quanto aos municípios, o texto constitucional consigna,

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

entre outras competências, que cabe a eles legislar sobre assuntos de interesse local e promover, no que couber, adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano.

Com base em sua autonomia e visando ao interesse local, os municípios editam leis com o que se conhece como posturas municipais, estabelecendo regras, v.g., sobre onde um estabelecimento pode ou não se localizar, por conta, por exemplo, da segurança ou do sossego dos munícipes; a higiene nos estabelecimentos; a utilização de passeios; a realização de eventos em praças públicas; a instalação de faixas, placas e cartazes etc.

Eles também editam leis disciplinando obras e edificações, nas quais se estabelecem, por exemplo, regras no tocante à edificação e seu entorno, sua segurança e salubridade. Destaque-se que muitas das leis municipais, como essas, aquelas e o plano diretor, se conectam e se complementam, devendo todas elas ser observadas.

(...)

Avançando, julgo não haver dúvida de que os municípios têm competência para fiscalizar a observância, por parte de terceiros, de suas próprias legislações locais, incluindo aquelas sobre uso e ocupação do solo urbano e sobre posturas municipais relativas à segurança, à ordem, à tranquilidade pública e ao meio ambiente.

Consistindo essa fiscalização no poder de polícia ao qual se referem o art. 77 do CTN e o art. 145, inciso II, da Constituição Federal, também pode ela ser eleita como fato gerador de taxa de fiscalização.

Exemplo disso é a instituição, já considerada constitucional pelo STF, das conhecidas taxas municipais de fiscalização, localização e funcionamento de estabelecimentos; de fiscalização de anúncios; de taxas de controle e fiscalização ambiental.

(...)

Observa-se, portanto, que, sendo respeitadas as competências da União e, nesse contexto, as leis por ela editadas, especialmente a Lei Geral de Telecomunicações, a Lei Geral de Antenas e a Lei do Fundo de Fiscalização das Telecomunicações, podem os municípios instituir taxa para



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

fiscalização do uso e da ocupação do solo por torres e antenas de transmissão e recepção de dados e voz.

(...)

Nesse contexto, destaco, ainda, que o exercício do poder de polícia municipal relativamente a tais estruturas não se exaure no momento em que elas são instaladas, mormente quando se leva em consideração o fato de que tal atividade abrange, por exemplo, a constante fiscalização no tocante à segurança (art. 6º, inciso VI, da Lei Geral de Antenas) (fls. 1/2, 6/8, 11 e 14).

Ademais, embora a recorrente invoque a violação ao Tema 1235/STF, observa-se que a presente hipótese não significou invasão da competência privativa da União para legislar sobre telecomunicações e radiodifusão, de modo que a adoção desse paradigma é incabível ao caso em exame.

Quanto à alegação de que a modulação de efeitos do Tema 919/STF se aplicaria somente à Lei do Município de Estrela D'Oeste, esta não merece prosperar. Não se desconhece a existência de decisões monocráticas encampando a referida tese, contudo a maioria dos Ministros do Col. Supremo Tribunal Federal tem aplicado a modulação de efeitos do Tema 919/STF indistintamente em relação a todos os municípios, como se extrai dos seguintes julgados: RE 1.479.705/SP, Rel. Min. NUNES MARQUES, DJe 18/03/2024; RE 1.479.415/SP, Rel. Min. DIAS TOFFOLI, DJe 05/03/2024; RE 1.494.557/SP, Rel. Min. GILMAR MENDES, DJe 27/05/2024; RE 67.132/SP, Rel. Min. LUIZ FUX, DJe 11/06/2024; RE 1.483.688/SP, Rel. Min. ALEXANDRE DE MORAES, DJe 23/04/2024; RE 1481970/SP, Rel. Min. FLÁVIO DINO, DJe 18/04/2024; e RE 1482661/SP ED, Rel. Min. EDSON FACHIN, DJe 16/05/2024.

Por fim, impertinente para fins de análise da adequada subsunção do acórdão à tese repetitiva perquirir-se sobre o correto dimensionamento feito pela Turma Julgadora, seja porque extrapolaria o



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Presidência da Seção de Direito Público
Câmara Especial de Presidentes

espectro deste recurso, seja porque extrapolaria o âmbito de análise reservado à aplicação de temas julgados pelos Tribunais Superiores, seja sobretudo porque inexoravelmente dependeria da reanálise de provas contidas nos autos e de direito local, sendo, portanto, matérias que não se coadunam com o recurso extraordinário conforme preceituado nas Súmulas 279 e 280 da Corte Suprema.

Por derradeiro, sem avistar intuito protelatório no manejo do presente recurso, deixa-se de infligir à agravante a multa prevista no art. 1.021, § 4º, do Código de Processo Civil.

Em face de tais razões, **nega-se provimento** ao agravo interno.

TORRES DE CARVALHO
Relator
Presidente da Seção de Direito Público
(Assinatura eletrônica)